

OFENSIVA POLITICA E ORGANIZACIONAL GENERALI- ZADA NA FRENTE DA PRODUÇÃO

(Discurso do Presidente Samora Machel no acto de encerra-
mento da 8.ª Sessão do Comité Central).

O Camarada Vice-Presidente da FRELIMO incumbe-me de, em nome de todos os membros do Comité Central, transmitir aos nossos camaradas os momentos que nós vivemos nesta sala. Momentos difíceis, momentos que nos fizeram recordar o passado, momentos que nos indicaram o presente, momentos que nos permitiram traçarmos o futuro, o destino — destino luminoso e brilhante do nosso povo.

Portanto, não sei se serei capaz de interpretar e fazer recordar a todos aqueles que participaram e, sobretudo, a contribuição de cada um para fazer avançar a nossa luta.

Camaradas Membros do Comité Central,
Camaradas Membros do Comité Executivo,
Camaradas Membros do Conselho de Ministros,
Camaradas Membros do Estado-Maior,
Camaradas das Forças Populares de Libertação de Moçambique, Quadros e Combatentes,
Camaradas militantes em diversas tarefas;

Encarregam-me de transmitir o que foi a nossa reunião do Comité Central: os momentos que nós vivemos durante esses dezasseis dias, como é que nós discutimos os problemas do nosso povo, como é que nós discutimos os problemas que vive a Nação moçambicana; as dificuldades que nós encontramos, e como é que nos engajámos para vencermos essas dificuldades. Não sei se serei capaz de transmitir o que me pedem os meus colegas. Mas vou tentar.

Termina a 8.ª Sessão do Comité Central que esteve reunida desde 11 de Fevereiro, tendo realizado 26 sessões de trabalho em plenário, e inúmeras outras em comissões. A sua agenda comportou nove pontos essenciais:

Primeiro: a análise sobre o desenvolvimento da luta entre a quinta e a oitava sessão. Segundo: a análise da situação política em Moçambique, no momento actual, as relações de força na fase presente da luta de classes. Terceiro: aprofundamento da base ideológica e política orientadora da nova Sociedade. Quarto: estruturação do Poder Popular Democrático do nosso Estado na fase actual. Quinto: materialização do papel da FRELIMO como força dirigente do Estado e da Sociedade. Sexto: análise da situação de conjunto na África Austral, na África e no Mundo. Sétimo: elevação da unidade a uma nova fase. Oitavo: convocação do terceiro Congresso da FRELIMO. Nono: diversos.

A análise aprofundada, a rica troca de experiências que ela permitiu, conduziu-nos a uma visão mais clara do desenvolvimento do nosso processo revolucionário, da sua estratégia.

A 8.ª Sessão constitui um grande sucesso revolucionário, constitui uma grande plataforma sobre a qual lançaremos e enraizaremos as bases do processo revolucionário no nosso País.

Por isso, causas desses grandes sucessos que obtivemos, e da grande envergadura das discussões tidas nesta reunião, quero, em nome do Comité Central, saudar os participantes. E por que é que saudamos os participantes? Porque souberam trazer a realidade da luta, porque souberam trazer a nossa tradição revolucionária, a nossa maneira de discutir, a nossa franqueza, o nosso espírito de crítica

e autocrítica, a nossa preocupação comum de servir a Revolução. Porque souberam manter alto o espírito crítico, souberam manter bem alto a chama da Revolução, o valor da unidade nacional, o valor e a importância da unidade ideológica, porque souberam manter bem presente o nosso interesse de classe. Porque foram capazes, de maneira viva, de maneira clara e eficaz, de analisar a nossa experiência presente, sintetizá-la e formular, finalmente, as linhas necessárias de orientação, as palavras de ordem mobilizadoras.

Saudamos o secretariado, que nos forneceu os instrumentos necessários para a eficácia do nosso trabalho, para o sucesso, para o triunfo e para a vitória da nossa reunião. Porque foi capaz de, no início de cada sessão, fornecer-nos a síntese da sessão anterior. Assim, o nosso trabalho pôde ser precioso e produtivo.

Saudamos ainda o pessoal de apoio, que infatigavelmente, a qualquer hora do dia e da noite, nos permitia restaurar as forças, ter o necessário refresco, o café que serviu de tónico para os nossos nervos, o chá que estimulou o nosso cérebro, estimulou os nossos nervos, e que assim estiveram sempre revigorados. E esse apoio foi necessário, porque sem a retaguarda, sem a base de apoio, não somos capazes de consolidar as nossas conquistas. Só são conquistas quando somos capazes de consolidá-las.

Por isso, a maneira como todos trabalharam demonstrou um facto fundamental. Primeiro, a compreensão política da tarefa; assumir a tarefa como uma tarefa política, assumir a tarefa individual e fazer dessa tarefa individual uma tarefa colectiva. O saber-se assumir a missão conduz-nos a um grau superior de eficácia e rapidez de trabalho.

Terminamos a 8.ª Sessão, e dizemos que foi um sucesso. Um sucesso porquê? O que constatou a reunião? O que resolveu esta reunião? Que orientação nos dá? O que constatou a 8.ª Sessão?

Analisámos a causa da nossa vitória contra a guerra colonial-imperialista de agressão. Vimos os seus factores, o primeiro factor: a unidade. A unidade patriótica das largas massas contra a dominação colonial. A unidade política dos quadros e militantes para edificar uma sociedade livre da exploração. A unidade ideológica das forças revolucionárias no combate para implantar e consolidar o poder da aliança operário-camponesa, o Poder Popular Democrático. A determinação dos quadros, combatentes e massas, a nossa determinação, e essa determinação que se manifestou em aceitarmos e superarmos dificuldades e sacrifícios para servir o Povo e a Revolução. A vida colectiva. A determinação só se torna instrumento quando existe a vida colectiva. O trabalharmos colectivamente, o estudarmos e sintetizarmos colectivamente as nossas experiências. Colectivamente determinamos a orientação, e colectivamente estabelecemos a estratégia comum e a táctica dispersa de implementação. Significa estratégia global, estratégia conjunta, estratégia comum e aplicação dispersa na táctica.

Assim fomos capazes de adquirir a visão comum, o pensamento comum, a linguagem comum. E estas consideramos grandes conquistas do nosso povo, consideramos património do povo moçambicano, consideramos património de todos os combatentes, de todos os povos oprimidos.

O outro aspecto que achamos importante é a justeza dos métodos no seio da FRELIMO, o método de popularização da linha que torna cada militante responsável pela sua difusão, aplicação e defesa. E não só isso. Torna cada militante sensível à mais pequena agressão, ao pequeno desvio da nossa linha. O método de democratização dos métodos de trabalho, que leva o conjunto dos membros

das estruturas a participarem activamente na laboração da decisão, na discussão da estratégia e tática de aplicação, o método de colectivação da direcção que permite à direcção agir como um corpo único, com um pensamento e linguagem comuns, estes factores foram considerados como factores permanentes, conquistas da nossa luta que importa ampliar e generalizar a todos os aspectos da nossa vida.

CONSOLIDAÇÃO E AMPLIAÇÃO DAS CONQUISTAS POPULARES

A 8.ª Sessão observou cuidadosamente o processo de consolidação e ampliação das conquistas populares revolucionárias com a independência nacional. Estas conquistas situam-se a diversos níveis: ao nível político, ao nível estatal, ao nível económico-social, ao nível militar, e ao nível internacional.

Ao nível político as conquistas essenciais são: primeiro, a independência nacional; segundo, a participação de milhões de homens e mulheres trabalhadores, na vida política do seu País, na discussão e resolução dos seus problemas; terceiro, a realização organizada e a uma larga escala, sem precedentes, dos interesses da grande maioria.

Ao nível estatal, o estabelecimento do Estado da aliança operário-camponesa, tornou realmente as largas massas mestres do seu destino, desencadeou o processo de edificação da Democracia Popular, primeiro passo na construção da Sociedade Nova.

Ao nível económico-social. Primeiro, o desencadeamento da batalha pela aldeia comunal. A aldeia comunal é e será sempre considerada condição para o triunfo do poder operário-camponês no campo. Condição do desenvolvimento sócio-económico das zonas rurais, condição de libertação das forças produtivas no campo, condição para iniciar em grande escala a produção agro-pecuária. Segundo, a tomada de controle de empresas pela via das comissões administrativas para deter o processo de sabotagem económica, para relançar a produção das empresas abandonadas pelos proprietários, para salvaguardar os interesses económicos do país. Terceiro, a recuperação das terras. A terra é o meio e objecto universal de produção, base de todas as riquezas. A terra libertada pelos sacrifícios e pelo sangue deixou de ser objecto de especulação. O sangue e sacrifício serviram para beneficiar o povo, não servem para criar riquezas para um punhado de especuladores. Quarto, a nacionalização da Educação, Saúde, Justiça e empresas funerárias. A Educação, a Saúde, e a Justiça deixam de ser um privilégio para os que têm dinheiro; deixam de ser objecto de especulação, fonte de riqueza. A Educação, a Saúde e a Justiça são direitos fundamentais do cidadão, deveres elementares do Estado.

Lutámos para os nossos filhos irem à escola; lutámos para podermos ter saúde, lutámos para que a justiça deixasse de ser um privilégio.

A nacionalização das empresas funerárias libertou-nos da especulação indigna e imoral sobre a piedade natural para com os nossos mortos.

A subida de salários das categorias mais desfavorecidas: letra Z até T pôs termo a uma grave situação económica e social de uma grande fracção dos trabalhadores do Estado.

A nacionalização do imobiliário: a habitação é um direito essencial da pessoa humana e não pode ser objecto de especulação. As nossas próprias economias, canalizadas para os bancos e organizações de crédito, serviam a um punhado para se enriquecer, especulando sobre as nossas necessidades de habitação. A maioria esmagadora do povo vive em condições sub-humanas, sem as mínimas condições higiénicas: casas alagadas periodicamente; falta de água corrente; falta de latrinas.

A nacionalização permite ao povo ocupar as cidades construídas pelo seu trabalho e suor e de que estava excluído. A nacionalização põe termo à discriminação social e racial de facto existente nas zonas urbanas.

Quinto: a consolidação política e técnica das Forças Populares de Libertação de Moçambique realizada através da Quarta Conferência do Departamento de Defesa que define a tarefa central das Forças Populares de Libertação de Moçambique: vencer a batalha de classe. Da Reunião dos Quadros e Combatentes das FPLM, em Dezembro, que desmascara a infiltração e subversão inimiga nas Forças Populares de Libertação de Moçambique, purifica as fileiras das FPLM, estabelece a demarcação com o comportamento do inimigo, dinamiza a unidade entre o povo e o seu braço armado.

No plano internacional, o reconhecimento da República Popular de Moçambique por todos os membros da comunidade internacional; a consolidação e o prestígio crescente da República Popular de Moçambique; a admissão da República Popular de Moçambique nas organizações internacionais, especialmente na Organização das Nações Unidas e na Organização da Unidade Africana; o estabelecimento de relações diplomáticas com numerosos Estados do Mundo; a consolidação das relações sólidas com a Tanzânia e Zâmbia e a África; o reforço da nossa amizade com os outros aliados naturais, os países socialistas; o estabelecimento de relações de amizade com numerosos Estados da Ásia, como Índia, Paquistão; da Europa, tais como os países escandinavos, Finlândia e Holanda e com a Itália, Grã-Bretanha, etc.; das Américas, como os Estados Unidos da América, o Brasil e outros.

As vitórias conquistadas não são vitórias de indivíduos, não são vitórias de pessoas, não são vitórias de um grupo. As vitórias conquistadas através da luta armada, a transformação da luta armada em revolução são fundamentalmente conquistas do nosso povo. São vitórias do nosso povo contra os inimigos do nosso povo, do nosso País, do nosso desenvolvimento, da nossa emancipação, do nosso crescimento e contra o nosso progresso.

As nossas vitórias, porque materializam os interesses do povo, porque consolidam o poder popular, o poder da aliança operário-camponesa, porque consolidam a República Popular de Moçambique, enquanto base anti-imperialista, anticapitalista, suscitam a oposição e o ódio.

Há quem se surpreenda quando somos atacados pelo inimigo. Ser atacado pelo inimigo não é uma coisa má, é uma coisa boa porque significa que nós estamos na via correcta.

As grandes e pequenas ofensivas, as grandes e pequenas surtidas que são desencadeadas pelos reaccionários nacionais representam um termómetro de que nós estamos a crescer, de que nós colocamos a revolução nos seus verdadeiros carris, isso significa ainda que nós não estabelecemos compromissos nem comprometimentos com o inimigo e, muito menos, promessas. E assim nós avançaremos estimulados porque estamos certos que o inimigo está contra nós. (Aplausos).

OS INIMIGOS QUE NOS ATACAM

Quem são os inimigos que nos atacam?

Encontramos o imperialismo internacional, encontramos os aliados internos do imperialismo. Há certos exploradores nacionais com vocação capitalista, que foram influenciados ao longo da dominação colonial e adquiriram o gosto do colonialista, adquiriram o gosto do inimigo, por isso não toleram viver connosco que temos o gosto popular.

Como se manifesta esta oposição, este combate desencadeado pelos reaccionários, pelo imperialismo? .

No plano internacional. Primeiro: acções armadas contra a República Popular de Moçambique. É o caso das provocações constantes, das agressões constantes da Rodésia dirigidas por esse senhor irresponsável e vagabundo (*Aplausos*). De toda a maneira, as suas provocações estimulam-nos, sensibilizam-nos constantemente. Nós estranharíamos se deixassem de cumprir o seu dever em nos atacar. Por isso sabemos nós, o povo moçambicano saberá como responder (*aplausos*). Vencemos o colonialismo português que tinha raízes bem sólidas em Moçambique e muito melhor venceremos as forças externas, sobretudo quando aparecem abertamente. Aí somos implacáveis, somos combatentes consequentes e não toleraremos as suas acções (*aplausos*).

Segundo. Subversão organizada contra a República Popular de Moçambique através de: infiltração de agentes; emissões de rádio antimoçambicanas; introdução clandestina de panfletos antipopulares e contra-revolucionários; introdução de armas e explosivos para acções criminosas, introdução clandestina e difusão de droga e pornografia; propaganda de corrupção e de obscurantismo; sabotagem económica através de: tráfego ilegal de divisas; sobrefacturação de produtos importados, subfacturação de produtos exportados: exportação ilegal e clandestina de bens de equipamento, valores, contrabando; provocações para desencadear a fuga de técnicos, campanhas de imprensa, falsificação deliberada das realidades moçambicanas, deturpação das conquistas populares, difusão em grande escala de boatos infames e alarmistas para criar o pânico e o descrédito sobre a República Popular de Moçambique e isolar-nos; sabotagem da produção económica; diminuição da produção de bens materiais, baixíssima produtividade do trabalho: numa hora produz-se uma fracção pequeníssima do que se produzia anteriormente, e frequentemente de qualidade inferior; destruição da maquinaria, roubo de máquinas e outros bens; especulação sobre bens de consumo corrente: o milho, a farinha, o feijão, o pão, a carne, o açúcar, etc. Tentativas de destruição do capital científico e tecnológico do país, provocando a fuga de técnicos através de boatos alarmistas e infames, promessas demagógicas, sabotagem e subversão política através de: infiltração de agentes do inimigo no aparelho de Estado e Grupos Dinamizadores, campanhas de difamação contra os Grupos Dinamizadores, as instituições do Partido e do Estado, difusão de intrigas, calúnias e boatos para semear a inquietação e o pânico.

QUEM FOGE DO NOSSO PAIS

Uma manifestação especial do choque no combate existente na nossa sociedade é a chamada fuga de gente.

Na realidade quem foge do nosso país? Quem são os que fogem?

Analisemos friamente, recapitulemos a história, observemos a evolução das sociedades e encontraremos a raiz fundamental que leva muita gente a fugir de Moçambique. Não é um fenómeno novo, é um fenómeno natural. Onde há revolução há reacção. É o que revela a história da revolução. Onde há opressão há revolução.

Recapitulando um pouco e, observando sem muito cuidado a evolução das sociedades, encontraremos: fugiram quando pela primeira vez triunfou a Nova Sociedade, quando o czarismo foi derrubado e o poder operário-camponês foi instalado na União Soviética; fugiram da República Democrática Alemã quando o nazismo foi esmagado e o povo tomou o poder; fugiram da China Popular quando o imperialismo, os latifundiários, os feudais, exploradores nas pegadas de Chiang Kai-Shek fugiram para Taiwan; fugiram de Cuba

quando Cuba deixou de ser casino e o «cabaret» dos Estados Unidos da América; fugiram da Argélia quando os dominados se tornaram donos do seu país; fugiram do Vietname ontem, ainda hoje fogem; fugiram do Laos, ainda hoje fogem laosianos. Fugiram do Camboja os cambojanos atrás dos seus patrões, através dos seus patrões, quer dizer, ajudados pelos seus patrões com muitas promessas de vida rica, quando o imperialismo naquela parte da Ásia, no Sueste Asiático, foi destruído; fugiram de Portugal quando caiu o fascismo, embora comecem a regressar.

Em Moçambique quem foge, quem são os que fogem? Sejamos claros, sejamos honestos. Analisemos e, sem muito cuidado, saberemos quem são os que fogem.

Fogem os latifundiários e especuladores de terras, porque não podem especular sobre a terra libertada pelo sacrifício; fogem os que construíram prédios com as economias dos pequenos, e já não têm campo para o fazer; fogem os que exploravam o direito de cada um a viver numa casa; fogem médicos indignos que não concebem a saúde como uma tarefa para salvar o povo, e fazem da nossa doença uma mina de ouro; fogem advogados que não assumiram a justiça como uma missão, e fizeram dela um negócio para servir os ricos; fogem professores que não viviam a batalha contra o obscurantismo e a ignorância e que sentiam o ensino, a escola, como uma loja, um centro de exploração; fogem aqueles que vivem dominados pela maior doença do colonialismo, o racismo, e que são incapazes de aceitar um Homem como Homem; fogem moçambicanos que se identificaram inteiramente com o colonialismo, à sua exploração, à sua corrupção, à sua decadência — são esses moçambicanos que fogem e renunciam à sua nacionalidade, querem ser portugueses, porque há promessas agora. Quando caiu o Caetano, queriam ser moçambicanos. Assim, há muitos assimilados, mulatos, brancos, moçambicanos que fogem agora, nós sabemos porquê, porque é que fogem. Fogem porquê? De quê?

Fogem porque recusam assumir, viver e participar na batalha exaltante de criar um sociedade nova. Fogem, porque para eles viver é ter privilégios. Fogem, porque o nosso país conquista a sua face real, a sua face moçambicana. Somos nós mesmos e desencadeamos o combate contra os valores decadentes do colonialismo e do capitalismo. Fogem, finalmente, os que não têm convicções, os que se deixam tomar de pânico, pelo boato mais ridículo, mais absurdo, mais estúpido. Fogem, porque o único privilégio que nós queremos, o único privilégio que nós aceitamos e enalteçemos, é o privilégio de servir o povo.

Fugiram. E, quando fogem, alguma coisa fica. Quem fica dentro deste distúrbio, dentro desta considerada confusão? Diremos que fica o povo. É este que fica. E, porque é que o povo fica? Ficam os dez milhões que vivem do seu trabalho e tudo criam pelo seu trabalho. Fica o povo que não tem raça, nem cor, o povo que tem Pátria. Os outros não têm Pátria. O povo que tem a sua inteligência e os seus braços, que constrói a sua determinação e a sua imensa capacidade criadora. É esta capacidade criadora das massas organizadas e dirigidas por uma linha correcta, que é a nossa força principal. Libertar e utilizar essa força, foi o nosso estudo principal.

LIBERTAR E UTILIZAR A CAPACIDADE DAS MASSAS

O que resolveu o Comité Central? Libertar e utilizar a capacidade imensa das massas. Exige a organização correcta das massas, direcção correcta, poder das massas. Definir objectivos claros; defi-

nir tarefas claras para o povo. O que significa direcção correcta: Significa definir o nosso inimigo e os métodos de o combater. Significa definir prioridades, e prioridades significa cimentar a nossa unidade, fazer da nossa unidade uma força imensa.

Para que o povo tenha consciência e, através da sua consciência de explorado, possa exercer o Poder. Para organizar correctamente as massas, estudamos a nossa experiência das zonas libertadas, a experiência dos Grupos Dinamizadores, e verificámos que se impunha dinamizar as estruturas da FRELIMO existentes, clarificar a ligação e a integração das estruturas no seio da FRELIMO, desencadear o processo para impulsionar ou criar as organizações democráticas de massas, que são a Organização da Mulher Moçambicana, a Organização dos Trabalhadores, a Organização da Juventude, a Organização dos Continuadores. E, aqui, perguntariam: Qual é a diferença entre os continuadores e a juventude? Nós responderíamos que continuador não é todo aquele que está na escola; o que significa que continuador é aquele que vive já organizado e orientado, desde criança; o que significa que ele é o continuador dá nossa luta, das nossas tradições, das nossas experiências. São esses que elevarão a nossa prática ao nível teórico. A Organização dos Escritores e Artistas, a Organização dos Jornalistas — é uma tarefa que nós temos que realizar também. Materializar ao nível das estruturas da FRELIMO, sobretudo ao nível provincial, distrital, localidade e célula; implementar os princípios essenciais do poder da aliança operário-campesina, popularização da linha, democratização dos métodos de trabalho e alargamento da frente, colectivação da direcção. Para a levar a cabo, esta tarefa exigiu que a nossa unidade fosse elevada a um nível superior, e, por outras palavras, para assegurar a direcção correcta é necessário que a direcção eleve o seu nível científico de análise, domine mais completamente a ciência da nossa classe, tenha o comportamento mobilizador de vanguarda da nossa classe, aprofunde o conhecimento íntimo de cada um dos seus membros.

ELEVAR UNIDADE IDEOLÓGICA

Assim, exige-se: elevarmos a nossa unidade política; consolidarmos e alargarmos a nossa unidade ideológica; desenvolvermos o nosso pensamento comum; tornarmos mais firme a nossa linguagem comum.

Estamos agora prontos a desencadear a batalha do nosso Poder ao nível do Estado. Entre o Poder da aliança operário-campesina, entre a nossa linha e o aparelho de Estado existe uma contradição antagónica; o aparelho de Estado existente, o seu funcionamento, as normas que o regem, a maneira de recrutar o pessoal, a orientação que o dirige, o seu objectivo, tudo isso corresponde, exclusivamente, aos interesses da burguesia colonial e capitalista em dominar, oprimir e explorar as massas trabalhadoras, pilhar as nossas riquezas e reprimir a nossa justa luta.

O aparelho de Estado existente é um instrumento da ditadura da burguesia colonial e capitalista contra o povo em geral, e a classe trabalhadora, em especial.

Por isso, todos os postos superiores do aparelho eram ocupados por estrangeiros, e, até os brancos moçambicanos eram impedi-

Por campanhas, ficamos como governador, secretários provinciais e intendantos. Só recentemente é que aceitaram que alguns dos chamados «deputados», da denominada «assembleia nacional», e do chamado «conselho legislativo» fossem moçambicanos, mesmo se brancos; só recentemente, e nas câmaras municipais, aceitaram que houvesse alguns moçambicanos, mesmo se brancos, nas chamadas «edilidades» e na direcção das categorias de secretaria dos falsos municípios. Por isso, todos os postos superiores eram ocupados por gente vinda de famílias ricas, de exploradores fiéis às grandes companhias. Por isso, quando terminavam as chamadas comissões de serviço, os fiéis das grandes companhias encontravam lugares nos conselhos de administração. Por isso, finalmente, o profundo racismo do aparelho de Estado: racismo no recrutamento de pessoal — aos pretos e mulatos era vedado o acesso aos postos superiores; racismo na própria lei, que criava uma lei para brancos, assegurando-lhes os privilégios, e criava uma lei para os outros, para os manter dominados.

Tínhamos conquistado o Poder Popular ao nível superior, mas o Poder da aliança operário-camponesa não se manifestava. As massas continuavam excluídas da prática do Poder. Passivamente, deviam submeter-se à administração porque não possuíam nenhum instrumento para o exercer. A democracia real continuava uma abstracção, o Poder da aliança operário-camponesa manifestava-se na província, no distrito, na localidade, na base. Decidimos resolver essa contradição antagónica, destruindo o sistema de administração estatal existente, no dizer dos camaradas da FRELIMO, escangalhar a estrutura colonial no nosso país. (*Aplausos*).

EDIFICAR UM SISTEMA POPULAR

Em seu lugar edificámos um novo sistema. A característica essencial do novo aparelho de Estado é materializar o Poder Popular Democrático; materializar a Democracia Popular; materializar a aliança operário-camponesa. Isto verifica-se. Primeiro: o órgão superior do Estado, em cada escalão, da Província à base, é uma assembleia representativa das massas trabalhadoras, militantes e combatentes. Segundo: numa fase provisória, até que as eleições democráticas possam ser organizadas em todos os escalões, os membros da Assembleia serão designados por diversas instâncias do Partido. Todavia, embora designados, a composição social reflectirá o Poder da maioria, o Poder dos trabalhadores, da sua vanguarda e do seu braço armado. Terceiro: a subordinação dos órgãos executivos, em cada escalão, às assembleias do seu escalão. A nova orientação do aparelho de Estado, além de democratizá-lo, na sua essência permite colectivizar a direcção.

Assim, primeiro: em todos os escalões, a direcção é colectivamente exercida por um órgão; segundo: o órgão executivo, em todos os escalões, no seu funcionamento integra os órgãos subordinados e integra-se no órgão superior.

O aparelho de Estado centraliza democraticamente o Poder. Assim, primeiro: em todos os escalões, o Poder é centralizado nos órgãos desse escalão e, isso, conduz ao fim da dispersão do Poder, à visão conjunta dos problemas, à elaboração conjunta das soluções e da estratégia da sua aplicação; segundo: o órgão de cada escalão exerce um controle e supervisão efectivo da totalidade dos órgãos ao seu escalão e a ele subordinados. Os órgãos de cada escalão elaboram as suas decisões em todos os órgãos a ele subordinados. Cada escalão elabora as suas decisões na base das orientações dos escalões superiores e submete propostas a esses mesmos escalões, sempre que, pela sua natureza, a decisão tomada ultrapasse a sua competência. O prin-

cípio do centralismo democrático deve ser seguido escrupulosamente e aplicado de forma criadora.

O Comité Central sentiu, em função da análise feita, que a nossa Revolução desencadeava uma nova batalha, uma nova fase do seu processo. Isto exigiu um exame profundo da fase em que nos encontramos e das suas tarefas. Por outro lado, iniciamos o processo de desenvolvimento económico. Iremos começar a guerra contra a fome, contra a nudez, contra a miséria, contra o desemprego, contra a ignorância, contra o subdesenvolvimento.

TAREFAS DO 3.º CONGRESSO

Temos que desenvolver o nosso plano de desenvolvimento, o plano de edificação da nossa agricultura, o plano de edificação da nossa base industrial. Finalmente importa revermos os Estatutos da FRELIMO em função do programa da nova fase. Para analisarmos estes problemas essenciais, estes problemas que afectam a vida inteira do nosso povo, o Comité Central da FRELIMO decidiu convocar o Terceiro Congresso Ordinário da FRELIMO.

A tese do Terceiro Congresso será: tarefas da FRELIMO na fase da edificação da sociedade nova e na etapa da Democracia Popular. O Congresso terá ainda como teses particulares: primeiro — tese sobre a Democracia Popular, tarefas da fase actual; segundo — tese sobre a edificação no campo das Aldeias Comuns; terceiro — tese sobre a materialização do Poder Popular Democrático, organização do Estado e do Poder Económico; quarto — Programa da FRELIMO; quinto — o primeiro plano do desenvolvimento económico-social; sexto — estatutos da FRELIMO. O Congresso será preparado por uma comissão preparatória que compreenderá os membros do Comité Central, os membros do Comité Executivo, os Quadros da FRELIMO. Cinco subcomissões funcionarão no seio da Comissão Preparatória.

Em princípio, o Congresso terá lugar em Dezembro de 1976 (*Aplausos*). Isso exigirá a participação activa de todos nós, e exigirá a participação consciente de cada um de nós e exigirá consciência de responsabilidade de cada um de nós, para podermos materializar e efectivar o Congresso em Dezembro, sem descuidarmos as outras tarefas, que são também essenciais.

A NOSSA TAREFA ATÉ AO TERCEIRO CONGRESSO

Começamos uma batalha, em que cada moçambicano, homem, mulher, criança, velho, operário, camponês, combatente, empregado, funcionário, estudante, artesão, intelectual, cada trabalhador, cada patriota tem uma missão. Queremos consolidar a nossa independência. Isso significa, contarmos com as nossas próprias forças para vivermos, produzirmos o que precisamos. Queremos liquidar a fome, a nudez, a miséria, a doença, a ignorância. Isso obriga-nos a estudar para elevarmos os nossos conhecimentos.

Dominarmos a natureza, a ciência, a técnica. Produzirmos mais, e melhor, bens materiais, a única maneira de se criar a riqueza, o progresso, o bem-estar. Queremos valorizar o que conquistámos com muitos sacrifícios, com muito suor, com muito sangue. Queremos valorizar as nacionalizações. Isto significa valorizar a terra. Menos de um décimo da terra que pode ser cultivável em Moçambique está a ser cultivada. Temos de cultivar dez vezes mais. Valorizar a indústria que nos fornece todos os instrumentos que necessitamos, que nos fornece as divisas para comprarmos as máquinas que precisamos.

Temos de produzir nas fábricas, nos portos, nos caminhos de ferro, nas serrações, nas minas, nos transportes. Damos toda a nossa inteligência, todo o esforço para produzir e melhor liquidarmos a miséria, valorizar a educação, que é a nós que serve, estudando, ensinando. Os alunos, estudantes, devem estudar e ensinar. Os professores devem estudar e ensinar. Os operários, os camponeses, os empregados, os funcionários, todos os trabalhadores devem estudar e ensinar. Os velhos e as crianças devem estudar e ensinar. Cada um deve aprender do outro e ensinar o outro.

Valorizar a Saúde desencadeando e intensificando a batalha de massas pela higiene e pela medicina preventiva, desencadeando e intensificando a batalha nos hospitais para aniquilar os sabotadores e reaccionários nos Serviços de Saúde, os que querem transformar o Poder Popular nos hospitais em derrota popular, em vitória do capitalismo, vitória do racismo, vitória da preguiça, vitória da indisciplina. Nos hospitais devemos servir o povo, nos hospitais devemos organizar o trabalho, nos hospitais devemos impor a disciplina.

Devemos valorizar a nacionalização dos prédios, tratando bem os nossos prédios, as nossas casas, as nossas ruas, pagando as nossas rendas para conservarmos o que temos e construirmos mais. Alojarmo-nos todos no campo e na cidade de uma maneira decente.

Por isso, para apoiarmos as nossas conquistas, para apoiarmos o Terceiro Congresso, a 8.ª Sessão do Comité Central dá-nos a todos, a cada um de nós, a tarefa de produzir. Produzir na Aldeia Comunal, produzir na oficina, produzir nos transportes, produzir nas lojas, produzir nos escritórios, produzir nas escolas, produzir nos hospitais, produzir nos portos, produzir nos caminhos de ferro, produzir em toda a parte.

É preciso plantar a árvore da liberdade. É preciso plantar a árvore da independência. É preciso plantar a árvore que possa cobrir a todos nós. E para realizarmos esta tarefa só com o conhecimento completo do nosso País. Só estudando a complexidade da vida do nosso povo. Só fazendo em primeiro lugar o combate interno. Só valorizando o trabalho colectivo. Só liquidando o individualismo, liquidando o egoísmo, liquidando o desprezo pelos outros. Valorizando-nos a todos nós, seremos capazes de fazer triunfar a revolução, seremos capazes de realizar o que queremos, estaremos em condições de saber como queremos concretizar as nossas tarefas, estaremos em condições de canalizar melhor as nossas inteligências, estaremos em melhores condições de canalizar o nosso esforço, de conjugar a nossa força, para transformar a face colonialista, que se apresenta, ainda hoje, numa face real, que significa uma face moçambicana.

E para isso é necessário desencadearmos como palavra de ordem: **DESENCADEEMOS UMA OFENSIVA POLÍTICA E ORGANIZACIONAL GENERALIZADA NA FRENTE DA PRODUÇÃO.**

Viva a FRELIMO!

Viva a 8.ª Sessão do Comité Central!

Viva o Terceiro Congresso!

Viva a aliança operário-camponesa!

Viva a República Popular de Moçambique!

Viva a Ofensiva Política e Organizacional Generalizada na Frente da Produção!

A LUTA CONTINUA!

Está encerrada a 8.ª Sessão do Comité Central que pela primeira vez se realizou na capital moçambicana, Maputo. Esperamos que todos nós saíamos galvanizados, saíamos sensibilizados, saíamos revigorizados para aplicarmos de uma maneira criadora e eficaz o que o CC nos encarrega.

Obrigado a todos.

(De: Documentos da 8ª Sessão do Comité Central da FRELIMO,
Maputo, DIP, 1976, pag. 131-145)